
Panorama das Histórias em Quadrinhos brasileiras no âmbito da Comunicação

Panorama de la banda diseñada brasileira en el campo de la Comunicación

An overview of Brazilian Comics under the perspective of the
Communication Sciences

Resenha de:

VERGUEIRO, Waldomiro (org.); SANTOS, Roberto Elísio dos (org.). **A História em Quadrinhos no Brasil: Análise, Evolução e Mercado**. São Paulo: Editora Laços, 2011. 272 p. ISBN 978-85-63541-23-9

Recebido em: 30 set. 2012

Aceito em: 07 out. 2013

Celbi Vagner Melo PEGORARO

Universidade de São Paulo (São Paulo-SP, Brasil)

Jornalista, pós-graduado em Política e Relações Internacionais na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESP-SP) e doutorando em Ciências da Comunicação na Universidade de São Paulo. Contato: celbipegoraro@yahoo.com.br

Nas últimas duas décadas, diversos produtos da comunicação de massa como o futebol, as telenovelas e diversos gêneros musicais populares, ganharam mais espaço nas pesquisas e houve uma redução significativa do mal estar acadêmico em torno desses temas. Um desses produtos, as histórias em quadrinhos já são objeto de pesquisa consolidado se considerarmos que, somente na Universidade de São Paulo, registrou-se o dobro do número de dissertações e teses na década de 2000 em relação a todas as pesquisas realizadas somando a produção entre os anos 1970 e 1990. A própria USP possui um grupo de pesquisa, o Observatório de Histórias em Quadrinhos, criado em 1990, para difundir e promover os estudos do tema.

O livro “*A História em Quadrinhos no Brasil – Análise, Evolução e Mercado*” (2011) foi organizado pelos professores Waldomiro Vergueiro (USP) e Roberto Elísio dos Santos (Universidade Municipal de São Caetano do Sul - USCS), respectivamente coordenador e vice-coordenador do Observatório de Histórias em Quadrinhos da USP. Trata-se de “uma continuidade aos trabalhos teóricos sobre a produção no Brasil, realizados em 2004, a pedido da Revista Latinoamericana de Estudios de La Historieta, publicada pela Editorial Pablo de La Torriente e lançada na Bienal del Libro de La Habana, em Cuba, em fevereiro de 2005” (2011:7). Devido à limitação de espaço, a revista cubana publicou somente cinco artigos sobre a produção brasileira. Os organizadores, percebendo que havia necessidade dos leitores brasileiros terem acesso a esse material, convidaram outros acadêmicos para colaborarem com artigos que tratassem da produção da arte sequencial no Brasil em seus mais diversos aspectos.

O livro é dividido em dez artigos, incluindo os cinco originalmente publicados em espanhol, agora em edições ampliadas e atualizadas, além de novos capítulos que ampliam o leque de temas pertinentes às histórias em quadrinhos. O primeiro capítulo, “Desenvolvimento e tendências do mercado de quadrinhos no Brasil”, descreve um panorama da evolução do mercado editorial das histórias em quadrinhos no Brasil. Vergueiro analisa o desenvolvimento e as tendências de mercado descrevendo não apenas os gêneros explorados pelos autores nacionais, mas também quais os principais títulos e autores de acordo com o contexto histórico. O leitor tem acesso a um panorama histórico desde a influência do italiano Angelo Agostini, o lançamento da primeira revista em quadrinhos nacional *O Tico-Tico* e a entrada de novos personagens na cultura brasileira, não esquecendo da importância da introdução e desenvolvimento do modelo importado dos EUA em nosso mercado. Há também uma descrição básica, porém fundamental, das principais editoras e sua importância pioneira no mercado de

quadrinhos como a Editora Ebal, a RGE (Rio Gráfica e Editora), a Editora O Cruzeiro, a Editora Abril, entre outras. O autor conclui analisando o contexto atual das editoras em atividade e os diferentes gêneros oferecidos aos leitores, interessante para a compreensão da crescente segmentação e sofisticação dos quadrinhos.

Waldomiro Vergueiro (Universidade de São Paulo) contribui com o artigo “Os super-heróis brasileiros”, em que apresenta os personagens nacionais criados com forte influência de seus correlatos norte-americanos, que predominavam no mercado brasileiro. As limitações desta influência resultaram em criações que buscavam, de algum modo, uma identidade brasileira, enquanto outros resultavam apenas em pastiches. Poucos heróis se destacaram por alguma criatividade – caso de Raio Negro, publicado na década de 1960, analisado de forma mais detalhada no artigo.

Sonia Bibe Luyten (USP) escreve artigo sobre o segmento dos quadrinhos certamente mais popular no Brasil, o mangá. O objetivo é “um olhar sobre a evolução dos mangás no Brasil em relação ao mundo podendo-se constatar duas tendências: uma de pioneirismo quanto à leitura e produção de mangás” (2011:218), fenômeno relacionado à grande parcela de descendentes de japoneses no Brasil, “a outra, mais recente, acompanha a exportação de bens culturais do Japão” (2011:218). A autora descreve importantes aspectos históricos e os diferentes gêneros dos mangás, além de destacar a questão da forte segmentação e da relevância das mulheres como autoras dos quadrinhos no Brasil.

Há artigos cujos autores debruçam-se sobre temas de viés histórico, análise de gênero e tópicos mais específicos em relação à forma de produção. Gazy Andraus (Centro Universitário Metropolitano de São Paulo – FIG/UNIMESP) escreve sobre a situação histórico-social dos fanzines no Brasil. O autor desenvolve a evolução do fanzine, além de distingui-lo de outras publicações alternativas, identificando o fanzine como um veículo impresso, muitas vezes de caráter contestatório e de expressão libertária artística, que se configura como parte integrante do fim do século 20. No caso brasileiro, há relação forte até mesmo com a chamada imprensa marginal, como no caso de *O Pasquim*, surgido em 1969 (2011:182).

Os fanzines são analisados inicialmente dentro do contexto da ditadura onde o autor descreve as formas de produção *underground* (inicialmente mimeografados), a liberdade de concepção artística nos anos 1980 com a ampliação do número de máquinas fotocopadoras, a criação de polos de produção fanzineiras (Bahia, São Paulo

e Rio Grande do Sul), os eventos em torno dos fanzines e, mais recentemente, a forte concorrência com títulos do mercado profissional, como os mangás.

Alexandre Barbosa (Universidade Santa Cecília) analisa a conceituação e o desenvolvimento do quadrinho histórico, representando um elo entre a documentação histórica oficial, o ensino e o entretenimento. “A linguagem, os estereótipos e o desafio do cotidiano são importantes chaves para o entendimento desta escrita. Na junção destes elementos, podemos visualizar as ferramentas que movem o agente desta escrita e que resultam na visão do objeto de estudo deste agente, ou seja, [os quadrinhos históricos]” (2011:76). Complementando a produção brasileira, merece destaque a comparação com a produção em Portugal, França e EUA.

Roberto Elísio dos Santos contribui com dois artigos de análise cultural dos quadrinhos quanto ao gênero. Em “Horror e cultura brasileira: a trajetória do quadrinho de terror no Brasil” (2011:57), podemos compreender como o cinema de horror hollywoodiano, com monstros como Drácula, Lobisomem e Frankenstein dos anos 1930, contribuiu para a formação de um novo gênero nos quadrinhos e sua posterior consolidação nos anos 1950. Anos mais tarde, a produção brasileira acumularia o repertório cultural como o folclore nacional e o erotismo, este último tema de outro artigo, “Humor, crítica e erotismo nos quadrinhos dos anos 1980 e 1990”.

Santos analisa como a sátira política do jornal *O Pasquim* (com trabalhos de Henfil, Jaguar, Ziraldo) dos anos 1970 deu lugar à crítica social e de costumes com a abertura política dos anos 1980, abordando temas do cotidiano e modismos da classe média das metrópoles, representados pelo traço de artistas como Angeli, Glauco e Laerte, sendo publicadas em tiras de jornais. Há uma ênfase dada a importância das revistas da Circo Editorial (1984) neste novo movimento cultural que abarcou a expoente produção alternativa. A influência dos artistas das revistas era o *underground comics* norte-americano, o quadrinho autoral europeu e o humor satírico e político do cartunista Henfil. O humor erótico, também presente nas histórias, representava uma crítica ao comportamento da classe média urbana, com sua hipocrisia e preconceitos.

Completam o livro artigos que abordam produções nacionais. Eloar Guazelli (desenhista e mestre em Ciências da Comunicação na USP) escreve uma preciosa análise da “Produção de quadrinhos no Rio Grande do Sul” com fundamentos que dividem intimidade com a própria história dos gaúchos, a criação de uma cooperativa de artistas nos anos 1960, as críticas políticas e sociais na produção e uma descrição das principais publicações e nomes dos quadrinhos gaúchos até a década de 1990.

Valéria Bari (Universidade Federal de Sergipe) explora em seu artigo “A ressignificação dos conflitos civilizatórios em *Holy Avenger*”, o perfil do trabalho de Marcelo Cassaro, de modo “a contribuir para o melhor (2011:242). A autora descreve as condições sócio-históricas da criação do enredo de *Holy Avenger* e analisa o perfil das personagens relacionado ao universo adolescente, traçando um paralelo com o clássico estudo *O mal estar da Civilização* de Sigmund Freud.

Lucimar Mutarelli (mestre em Ciências da Comunicação na USP) e Waldomiro Vergueiro apresentam o artigo “Lourenço Mutarelli e a produção de *graphic novels* no Brasil”, analisando sua importância para o mercado atual de quadrinhos. Os autores procuram descrever o formato *graphic novel* e como sua produção ainda é escassa frente aos quadrinhos convencionais (periódicos) e as tiras de jornais no Brasil. O foco, entretanto, é no perfil e análise do trabalho de Lourenço Mutarelli, cujas obras são referência a partir da década de 1990.

Concluindo, o livro demonstra como as histórias em quadrinhos contribuem com inúmeros temas de análise que têm sido explorados por acadêmicos brasileiros com ainda mais ênfase na última década. A obra também reforça que há muitas possibilidades de pesquisa nas questões de produção, mercado, gênero, história brasileira, novas tecnologias e linguagem. Trata-se, portanto, de referência fundamental nos estudos da comunicação.